



O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

SARAH YASMINNI DOS SANTOS

Universidade Federal de Santa Catarina
sarah.s@ufsc.br

ALEXANDRE GUILHERME LENZI DE OLIVEIRA

Universidade Federal de Santa Catarina
alexandre.lenzi@ufsc.br

ALEXANDRE MARINO COSTA

Universidade Federal de Santa Catarina
alexandre.marino@ufsc.br

RESUMO

Diante da acirrada concorrência no mercado de trabalho, cresce sobre os estudantes a pressão de conseguirem uma boa colocação no mercado. A universidade pode auxiliar nessa transição – não sendo apenas este o seu papel – e estimular atividades extraclasse, por meio das quais os alunos passem a elaborar seus projetos de carreira, adquirir conhecimentos e desempenhar capacidades. É importante que o indivíduo tenha alto nível de autoeficácia: acreditar possuir as capacidades necessárias para desempenhar determinada atividade. Este nível pode ser trabalhado conforme as experiências positivas das próprias pessoas ou de pessoas-modelo, quais o indivíduo se identifica. Essas experiências podem ser vivenciadas no estágio, que é considerada uma das principais atividades extraclasse. E estágio traz inúmeros benefícios a todas as três partes envolvidas: estudante, universidade e concedente. Cursos das áreas humanas apresentam alto índice de estágio, enquanto cursos das áreas exatas apresentam maiores médias das bolsas.

Palavras chave: transição universidade-mercado – autoeficácia – atividades extraclasse – estágio

1. INTRODUÇÃO

É passado o tempo em que era cabível a ideia de que a obtenção de um diploma acadêmico é quesito de diferenciação frente aos concorrentes, garantia de sucesso enquanto profissional autônomo ou, ainda, a certeza de emprego com boa remuneração. As preocupações com o ingresso no mercado de trabalho logo após a formatura vêm figurando nos estudos e mostrando a importância na transição universidade-trabalho (NEIVA, 1996; TEIXEIRA; GOMES, 2004; BARDAGI; HUTZ, 2012).

Ainda assim, contrariamente ao que se poderia prever, a pesquisa feita por Neiva (1996) constatou que estudantes os quais se preparavam para profissões com um fraco mercado de trabalho mostraram-se mais determinados em relação a um projeto pós-universitário e à futura atividade profissional comparados àqueles de profissões que previam um bom mercado de trabalho. Diante disso, a autora conclui que esse comportamento acabaria por levar esses futuros profissionais de previsões piores à uma antecipação e preparação maiores, como realizar estágios ou aceitar cargos inferior durante a graduação, o que facilitaria sua recolocação em um cenário melhor logo após a formatura.

Frente a isso, fica evidente a importância, se não a necessidade, do desenvolvimento das competências técnicas e emocionais do indivíduo. Essas habilidades podem ser adquiridas e trabalhadas ao longo do tempo, incluindo o tempo na universidade. Teixeira e Gomes (2004) observaram que na medida em que eram realizadas disciplinas mais aplicadas e percebida a real necessidade dos conhecimentos básicos adquiridos nas disciplinas anteriores, aumentava a dedicação dos estudantes aos cursos. Também se observou que a participação em atividades extracurriculares como trabalhos em iniciação científica e extensão, monitorias, associações estudantis e estágios contribuiu para aumentar o compromisso dos entrevistados com sua formação (TEIXEIRA; GOMES, 2004).

Ainda com relação às atividades extracurriculares – ou até mesmo as curriculares, como o estágio –, Teixeira e Gomes (2004) identificaram que os estudantes entrevistados enxergavam nas atividades práticas legítimas oportunidades por meio das quais eles poderiam conhecer melhor sua futura profissão e a si mesmos; e, tomados deste conhecimento, iniciariam um processo de definição do projeto profissional, ou projeto pós-universitário (NEIVA, 1996), planejando antecipadamente sua carreira. Além disso, Silva, Coelho e Teixeira (2013), trazem que esse envolvimento em atividades extracurriculares contribui para aspectos como a competência para o engajamento em ambientes de trabalho, a competência social, a persistência no curso e a satisfação, a autonomia, o autoconhecimento, a confiança e a apreciação pelo diferente. Por meio do “aprender fazer, fazendo e pensando”, o estudante é o sujeito na construção da sua forma de conhecer e agir (VIEIRA; CAIRES; COIMBRA, 2011), ele é o responsável pelo grau de desenvolvimento que alcançar.

E diante das várias possibilidades de exercício da atividade profissional, a mais evidente é o estágio, regulado no Brasil pela Lei 11.788/08 desde setembro de 2008, cuja realização visa “ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho” (BRASIL, 2008. Art. 1º, §2º). Por meio da experiência do estágio, Vieira, Caires e Coimbra (2011) acreditam que o estudante é capaz de encarar desafios e de superar exigências, aprimorando suas atuações, interações, flexibilidade e espontaneidade nos âmbitos técnicos, sociais e intra/interpessoais.

Então se tem o seguinte contexto: o estudante das fases iniciais, ainda inseguro da escolha do curso, avança nos estudos e passa a realizar atividades ligadas ao que, num futuro não tão distante, será sua profissão. Diante dessas experiências, o acadêmico ganha confiança e adquire mais do que conhecimentos, competências.

Frente a isso, o presente estudo tem por objetivos identificar a importância e a legitimidade do estágio enquanto componente curricular nos cursos de graduação. Além disso, também pretende verificar a existência de diferenças significantes entre as ocorrências de estágios da instituição de ensino escolhida.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Bardagi e Hutz (2012) desenvolveram um estudo no qual se avaliou as percepções de aproximadamente 900 estudantes acerca do mercado de trabalho, além de averiguar o que esses alunos entendiam do desempenho acadêmico em relação aos índices de satisfação e probabilidade de evasão. A percepção do estudante quanto ao papel da universidade na sua preparação para o mercado de trabalho também foi um dos objetivos de Melo e Borges (2007). Neste último estudo, ao mesmo tempo em que as autoras indicam o perigo da compreensão errônea entre os jovens de que a universidade apenas deve preparar para o mercado, destacam a necessidade de as instituições de ensino desenvolverem a empregabilidade dos graduandos e o aprimoramento de seus projetos de carreira. Esse desenvolvimento poderia vir por meio da oferta de projetos compatíveis com as necessidades de mercado, os quais introduziriam os estudantes em seus futuros contextos profissionais antes do fim do curso e o preparariam em aspectos psicossociais, tais quais identidade profissional, imagem pessoal, socialização organizacional, entre outros.

Segundo Bardagi e Hutz (2012) é frequente nos estudos a presença de avaliações negativas quanto ao papel da universidade na inserção do estudante em seu respectivo mercado de trabalho. Além disso, a instituição não ofereceria informações realistas referentes ao mercado e não propiciaria experiências significativas para o desenvolvimento de competências de trabalho. Os autores entenderam isso como um alerta, pois possuir esse ponto de vista negativo pode gerar impactos também negativos no envolvimento acadêmico dos estudantes, já que essa percepção é um critério importante tanto na decisão da carreira, quanto na permanência no curso e na satisfação com relação a ele.

Ainda que a universidade possa ajudar o acadêmico na transição para o mercado, Teixeira e Gomes (2004) destacam que a responsabilidade por desenvolver as competências que possibilitarão atender à demanda tem ficado a cargo do próprio indivíduo, o qual é tido como responsável, seja pelo seu sucesso ou pelo seu fracasso. De outro lado, as transformações no mundo do trabalho demandam do trabalhador uma série de novas habilidades: flexibilidade, polivalência, capacitação tecnológica, adaptabilidade (LASSANCE; SPARTA, 2003). Neste ponto, volta-se à não-suficiência do diploma: são as características pessoais, as competências específicas, as redes de relações e a capacidade de se ajustar a diferentes demandas de trabalho que garantirão um espaço ao sol àqueles que o pleiteiam (TEIXEIRA; GOMES, 2004).

Não obstante, a universidade não deve se eximir de sua atuação. Silva, Coelho e Teixeira (2013) confirmam a ideia de que o próprio percurso universitário possui importância fundamental para o desenvolvimento de carreira, já que durante sua formação o estudante tem a oportunidade de conhecer melhor a profissão para a qual está se preparando e encontra possibilidades de adquirir conhecimentos e desenvolver competências fundamentais para seu exercício profissional futuro. Tais competências e, principalmente, a certeza de possuí-las afetam diretamente as decisões tomadas pelo sujeito.

Ao conceito da percepção que o indivíduo possui a respeito de suas próprias capacidades para desempenhar determinada atividade dá-se o nome de autoeficácia (BARROS; BATISTA-DOS-SANTOS, 2010); a qual acompanha o indivíduo ao longo da sua vida, podendo ser ela de nível elevado ou reduzido.

2.1 AUTOEFICÁCIA

Em seu estudo, Teixeira e Gomes (2004) apontam que o reconhecimento de familiares e colegas sobre o bom desempenho em novas habilidades e o elogio de um professor foram exemplos de situações que contribuíram para motivar os alunos e torná-los mais seguros de si. Na outra ponta, antes mesmo que o indivíduo efetue a ação, está o senso de eficácia que ele tem de si mesmo (BZUNECK, 2001).

Conforme explicam Barros e Batista-dos-Santos (2010) a Teoria da Autoeficácia está contida na Teoria Social Cognitiva (TSC), a qual lhe dá suporte e sentido. A TSC se contrapõe aos princípios behavioristas: defende um modelo de reciprocidade tridiática, no qual a conduta, os fatores pessoais internos e ambiente externo atuam entre si como determinantes interativos e recíprocos. Por essa teoria o sujeito é agente e não apenas produto das circunstâncias de sua vida.

Diferentemente da expectativa de capacidade, a expectativa de autoeficácia é mais pontual, de acordo com Bzuneck (2001), ela se refere de modo específico a peculiaridades da situação e a ações a serem implementadas numa tarefa analisada em detalhe. A crença de autoeficácia também se difere do conceito de autoconhecimento por sua especificidade. O autor usa como exemplo o domínio da área da matemática: ainda que um indivíduo revele autoconceito positivo nessa área, poderá não resolver um novo problema, no qual seu nível de autoeficácia não terá o grau desejado.

Outra diferença que vale ser levantada quanto à autoeficácia é em relação ao conceito de expectativa de resultados. Enquanto a primeira se refere à capacidade que o indivíduo acredita possuir para executar determinada atividade, a segunda faz referência ao binômio ação-resultado, ou seja, qual será o resultado quando for executada determinada ação (BUZNECK, 2001).

Cabe destacar que o nível de autoeficácia, elevado ou reduzido, será de acordo com os próprios julgamentos da pessoa em relação às suas capacidades quando vinculadas a domínios específicos, como no exemplo da matemática, e relacionados a diversos fatores. Deste modo, pode haver percepção de elevada autoeficácia em determinado domínio e baixa autoeficácia em outros (BARROS; BATISTA-DOS-SANTOS, 2010).

Buzneck (2001), Barros e Batista-dos-Santos (2010) salientam que as crenças de autoeficácia influenciam nas escolhas de cursos de ação, no estabelecimento de metas, na quantidade de esforço e na perseverança em busca dos objetivos. Isto é, no contexto acadêmico, o estudante optará por caminhos os quais acredita que é capaz de ter êxito (BUZNECK, 2001).

Os estudiosos que trabalham nessa linha de pesquisa mencionam quatro fontes de informação das crenças de autoeficácia: experiência direta, experiência vicária, persuasão social, e estados físicos e emocionais (BUZNECK, 2001; BARROS; BATISTA-DOS-SANTOS, 2010). A experiência direta diz respeito às experiências vividas pelo indivíduo e é considerada a mais eficaz no desenvolvimento de forte senso de eficácia. Nesta fonte, os sucessos obtidos contribuem para a construção de uma forte crença na eficácia pessoal, pois o indivíduo já realizou determinada atividade e sabe que é capaz. Por outro lado, se ainda não há sentimento de eficácia firmemente estabelecido, as falhas podem comprometê-lo (BUZNECK, 2001).

A experiência vicária é aquela fornecida por modelos sociais. O observador fica atento às consequências, positivas ou negativas, das ações realizadas por pessoas parecidas consigo mesmo. Os esforços bem-sucedidos aumentam as crenças dos observadores de que eles também possuem as capacidades e as habilidades para dominar atividades semelhantes de forma igualmente bem-sucedida (BARROS; BATISTA-DOS-SANTOS, 2010).

2.2 ESTÁGIO

Para Silva, Coelho e Teixeira (2013), ainda que haja poucos estudos que o comprovem empiricamente, o estágio é uma das experiências extraclasse consideradas mais importantes para a formação profissional. Os frutos advindos do estágio atravessam o imaginário comum para serem tópicos de estudos científicos. Caires e Almeida (2000, pg. 222), por exemplo, elencaram pelo menos nove contribuições consideradas inerentes ao estágio, outrora apontadas por múltiplos autores:

“construção de uma visão mais realista do Mundo do Trabalho e das perspectivas de carreira [dos estudantes estagiários]; [...] promoção de competências de empregabilidade e desenvolvimento de destrezas na sua área profissional [...]; o desenvolvimento de competências sociais e interpessoais [...]; aumento das oportunidades de emprego [...]; aumento do "diálogo" entre o Ensino Superior e o Mundo do Trabalho [...]; maiores níveis de maturidade e de auto-confiança dos alunos [...]; atenuar do impacto da transição da Universidade para o Mundo do Trabalho [...]; desenvolvimento do raciocínio prático e da capacidade de resolução de problemas por parte dos alunos [...]; promoção de níveis superiores em termos do auto-conceito vocacional e dos valores de trabalho”.

Gault, Redington e Schlager (2000) apontam as vantagens dos estágios para as empresas, como redução de custo com recrutamento e qualidade dos profissionais contratados. Para ilustrar, os autores trazem como exemplo a empresa Hewlett Packard – mais conhecida apenas como HP; a empresa teve um recorde nas contratações referente a um determinado ano: dos contratados, 70% eram de seu quadro de estagiários. Os autores ainda mencionam que, apesar de estudantes e recém-formados perceberem o estágio como uma importante “estratégia de recrutamento”, algumas universidades ainda veem os programas de estágio como uma maneira de mão-de-obra barata que prejudicam o desempenho do estudante e o financiamento das universidades. Contudo, fica indicada a possibilidade de estreitamento das relações a academia e a comunidade empresarial, gerando, inclusive, financiamentos externos à universidade.

Ainda assim, seu estudo confirmou outras teorias de que o estágio auxilia na deficiência deixada pela expectativa de carreira que o estudante constrói durante a graduação, nas salas de aula (GAULT; REDINGTON; SCHLAGER, 2000; BARDAGI; HUTZ, 2012). O aluno que passa pelo estágio está mais preparado para a inserção no mercado de trabalho e, possivelmente, terá maior sentimento de satisfação no trabalho. Além disso, outros benefícios são apontados como maior rapidez para conseguir um emprego, salários mais altos em menos tempo. Os autores concluem que se trata de um ganha-ganha-ganha, pois todas as três partes envolvidas no processo são beneficiadas pela experiência do estágio.

Atualmente a regulamentação maior do estágio no Brasil, a lei nº 11.788/2008 (BRASIL, 2008), determina a existência de apenas duas modalidades de estágio: obrigatória e não obrigatória. A primeira, como o próprio nome já sugere, é requisito para aprovação e obtenção do diploma; enquanto a segunda é desenvolvida como atividade opcional e acrescida à carga horária regular e obrigatória. O estágio, em ambas as hipóteses, deve fazer parte do projeto pedagógico do curso e integrar o itinerário formativo/currículo do estudante.

Além disso, a Lei do Estágio vincula a regularidade da atividade a matrícula e frequência regulares e à existência do Termo de Compromisso de Estágio (TCE). O acordo é celebrado entre as três partes envolvidas no processo: estudante, instituição de ensino e concedente. Esta última, por sua vez, fornece ao estudante bolsa – ou outra forma de contraprestação – e auxílio transporte, sendo compulsório seu pagamento quando do estágio não obrigatório (BRASIL, 2008).

3. METODOLOGIA

De acordo com o conceito de pesquisa descritiva de Appolinário (2012), pode-se caracterizar a presente pesquisa como descritiva, pois busca retratar determinada realidade. Já quanto aos procedimentos técnicos, considera-se o estudo como bibliográfico, pois tem uma parte de seu objeto apoiado em materiais bibliográficos, e documental, já que foram analisados dados sem tratamento anterior. Outra classificação possível é quanto à abordagem adotada, neste caso, qualitativa. Vergara (2012) afirma que este tipo de abordagem contempla, ao mesmo tempo, a subjetividade e a descoberta e a valorização do contexto dos participantes.

Os dados da pesquisa documental foram obtidos por meio de um levantamento, extraído diretamente do sistema de controle de estágios da instituição de ensino escolhida, uma universidade pública, localizada no sul do Brasil. A relação traz os mais de 13.000 estágios registrados no período de 01/07/2015 a 30/06/2017.

Cabe elucidar aqui a forma de funcionamento do referido sistema: o estudante acessa o site com matrícula e senha da graduação, preenche os dados referentes ao seu estágio e o submete à avaliação do coordenador de estágios de seu curso. Verificando a compatibilidade entre o curso e o estágio, exigida por lei (BRASIL, 2008), o coordenador libera a impressão do Termo de Compromisso de Estágio (TCE). Este, por sua vez, é impresso assinado pelas partes, retorna ao coordenador e é finalmente inserido no sistema. Percebe-se, então, que há possibilidade de o estudante realizar estágio sem que esteja cadastrado no sistema. Entretanto, tendo em vista que o cadastro é realizado por este sistema há quase dez anos, essa possibilidade não foi considerada um problema para a pesquisa.

O anexo A traz os dados tratados, separados por curso, no qual se informam as frequências relativas acumuladas dos estágios não-obrigatórios, dos estágios obrigatórios e do total. Optou-se por não condensar os dados de mesmos cursos que possuem habilitações diferentes, por exemplo Educação Física (bacharelado) e Educação Física (licenciatura). A decisão se justifica por serem diferentes os campos de atuação em que os profissionais formados exercem suas atividades, impactando, portanto, em diferentes ofertas de estágio aos respectivos estudantes.

Com o intuito de enriquecer a análise de dados, utilizou-se em alguns casos a classificação por Áreas do Conhecimento elaborada pela fundação CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), ligada ao Ministério da Educação. Ao todo são nove: Ciências Exatas e da Terra; Ciências Biológicas; Engenharias; Ciências da Saúde; Ciências Agrárias; Ciências Sociais Aplicadas; Ciências Humanas; Linguística, Letras e Artes; Multidisciplinar.

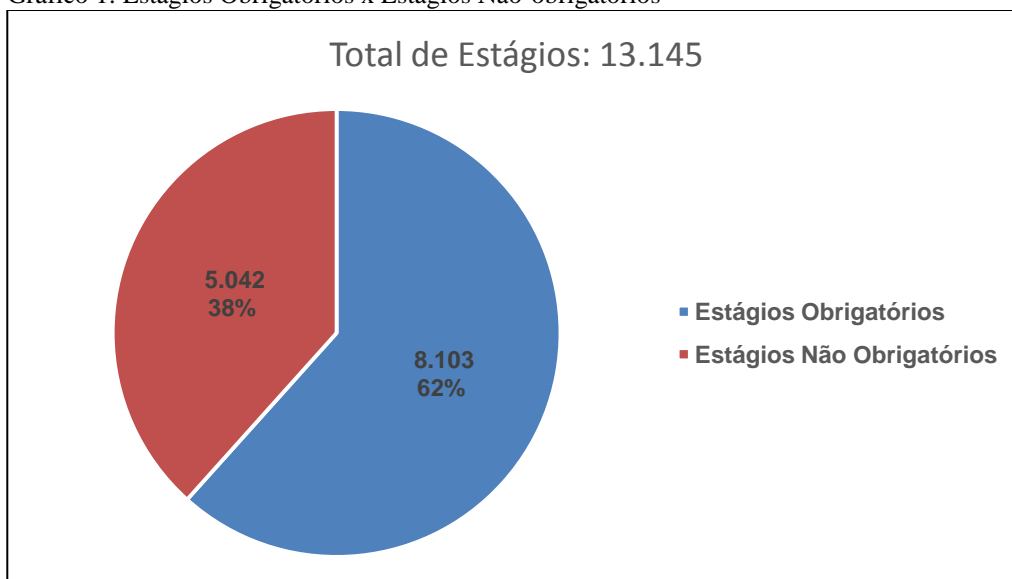
Cabe justificar a escolha de apenas uma modalidade (não-obrigatória) para análise dos valores das bolsas. De acordo com a lei que regulamenta os estágios no Brasil, nº 11.788 (2008), não há obrigatoriedade no pagamento dos estágios obrigatórios, o que faz com que muitas concedentes não forneçam bolsa ou outra forma de contraprestação. A ocorrência elevada de estágios obrigatórios com valor de bolsa zero distorceria a medida da média, adotada, então, para apenas os estágios não obrigatórios.

4. RESULTADOS

Foram encontrados 13.145 registros de estágio no intervalo de tempo analisado. Destes, 5.042 correspondem aos estágios não-obrigatórios, enquanto 8.103 são obrigatórios. Dos 85 cursos que aparecem na lista – disponibilizada como anexo A – apenas vinte não

possuem ou não registraram estágios obrigatórios, sendo que apenas um (Meteorologia) não apresenta estágio não-obrigatório.

Gráfico 1: Estágios Obrigatórios x Estágios Não-obrigatórios



Fonte: Elaborado pelos autores

Pouco mais de 50% (51,8%) dos estágios concentram-se em 15 cursos, conforme quadro 1, sendo que dois deles não possuem estágios obrigatórios em seus currículos. A ocorrência do estágio obrigatório elevou a frequência do total dos estágios: mais de 60% dos estágios obrigatórios foram realizados por esses cursos, enquanto que a porcentagem dos estágios não obrigatórios não chega a 38%. As frequências apresentadas abaixo são todas Frequências Acumuladas (FA) em relação ao total apresentado no gráfico 1.

Quadro 1: Relação dos 15 cursos com mais estágios

ÁREA CAPES	CURSO	NOB	OB	TOTAL	FA NOB	FA OB	FA TOTAL
<i>Ciências da Saúde</i>	FISIOTERAPIA	6	998	1004	0,1%	12,3%	7,6%
<i>Ciências da Saúde</i>	FONOAUDIOLOGIA	43	761	804	1,0%	21,7%	13,8%
<i>Ciências Sociais Aplicadas</i>	DIREITO	229	539	768	5,5%	28,4%	19,6%
<i>Ciências da Saúde</i>	FARMÁCIA	141	430	571	8,3%	33,7%	23,9%
<i>Ciências Humanas</i>	PSICOLOGIA	83	388	471	10,0%	38,5%	27,5%
<i>Ciências Sociais Aplicadas</i>	DESIGN	202	218	420	14,0%	41,1%	30,7%
<i>Ciências Sociais Aplicadas</i>	SERVIÇO SOCIAL	67	335	402	15,3%	45,3%	33,8%
<i>Ciências Agrárias</i>	AGRONOMIA	127	208	335	17,8%	47,8%	36,3%
<i>Engenharias</i>	ENGENHARIA CIVIL	179	145	324	21,4%	49,6%	38,8%
<i>Engenharias</i>	ENGENHARIA DE MATERIAIS	12	305	317	21,6%	53,4%	41,2%
<i>Ciências Sociais Aplicadas</i>	ADMINISTRAÇÃO	312	0	312	27,8%	53,4%	43,6%

<i>Ciências Sociais Aplicadas</i>	CIÊNCIAS CONTÁBEIS	295	0	295	33,6%	53,4%	45,8%
<i>Ciências Biológicas</i>	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS (Lic)	94	179	273	35,5%	55,6%	47,9%
<i>Ciências Humanas</i>	PEDAGOGIA	77	194	271	37,0%	58,0%	50,0%
<i>Ciências da Saúde</i>	NUTRIÇÃO	33	204	237	37,7%	60,5%	51,8%
	TOTAL	1900	4904	6804	37,7%	60,5%	51,8%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Observando o quadro acima verifica-se a existência de seis das nove grandes áreas do conhecimento definidas pela CAPES: Ciências Sociais Aplicadas (5), Ciências da Saúde (4), Ciências Humanas (2), Engenharias (2), Ciências Biológicas (1) e Ciências Agrárias (1). Não entraram na relação as áreas de: Ciências Exatas e da Terra, Multidisciplinar e Linguística, Letras e Artes.

No quadro 2, encontra-se os 15 cursos com menor número de estágios cadastrados no intervalo de tempo observado. O total acumulado destes cursos alcança 1% do total dos estágios, sendo que 12 deles não possui estágio obrigatório em seu currículo ou não registraram estágio obrigatório no período analisado.

Quadro 2: Relação dos 15 cursos com menos estágios

ÁREA CAPES	CURSO	NOB	OB	TOTAL	FA NOB	FA OB	FA TOTAL
<i>Ciências da Saúde</i>	ODONTOLOGIA	20	0	20	0,4%	0,0%	0,2%
<i>Linguística, Letras e Artes</i>	ARTES CÊNICAS	18	0	18	0,8%	0,0%	0,3%
<i>Ciências Exatas e da Terra</i>	FÍSICA – Bacharelado	13	0	13	1,0%	0,0%	0,4%
<i>Ciências Exatas e da Terra</i>	GEOLOGIA	11	0	11	1,2%	0,0%	0,5%
<i>Ciências Humanas</i>	ANTROPOLOGIA	9	0	9	1,4%	0,0%	0,5%
<i>Ciências Exatas e da Terra</i>	OCEANOGRAFIA	8	0	8	1,6%	0,0%	0,6%
<i>Engenharias</i>	ENGENHARIA MECATRÔNICA	6	2	8	1,7%	0,0%	0,7%
<i>Ciências Exatas e da Terra</i>	METEOROLOGIA	0	8	8	1,7%	0,1%	0,7%
<i>Engenharias</i>	ENGENHARIA TÊXTIL	6	0	6	1,8%	0,1%	0,8%
<i>Ciências Sociais Aplicadas</i>	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	6	0	6	1,9%	0,1%	0,8%
<i>Engenharias</i>	BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM MOBILIDADE	5	1	6	2,0%	0,1%	0,9%
<i>Engenharias</i>	ENGENHARIA FERROVIÁRIA E METROVIÁRIA	1	3	4	2,0%	0,2%	0,9%
<i>Ciências Exatas e da Terra</i>	MATEMÁTICA – Bacharelado	3	0	3	2,1%	0,2%	0,9%
<i>Ciências Humanas</i>	CIÊNCIAS RURAIS	3	0	3	2,2%	0,2%	0,9%
<i>Engenharias</i>	ENGENHARIA AEROESPACIAL	2	0	2	2,2%	0,2%	1,0%
	TOTAL	111	14	125	2,2%	0,2%	1,0%

Fonte: Elaborado pelos autores.

À luz da classificação das áreas do conhecimento elaborada pela CAPES, também é possível encontrar seis das nove grandes áreas: Ciências Exatas e da Terra (5), Engenharias (5), Ciências Humanas (2), Ciências Sociais Aplicadas (1), Ciências da Saúde (1) e Linguística, Letras e Arte (1). Nota-se a ausência de três áreas: Ciências Agrárias, Ciências Biológicas e Multidisciplinar.

Também foram calculadas as médias das bolsas de estágios não obrigatórios. O quadro 3 traz 15 dos cursos com maior média de bolsa de estágios não-obrigatório (NOB). Cabe destacar que os cursos de Engenharia Aeroespacial (2), Matemática Bacharelado (3), Engenharia Mecatrônica (6) e Engenharia de Energia (9) traziam muito poucos estágios registrados, o que acabava distorcendo a média dos valores; por este motivo, optou por excluí-los do quadro. Os cursos apresentados no quadro 3 detêm 33,6% dos estágios não-obrigatórios do período analisado.

Quadro 3: Relação dos 15 cursos com maiores médias das bolsas de estágio não obrigatório

ÁREA CAPES	CURSO	MÉDIA NOB	F TOTAL	FR TOTAL
<i>Ciências Exatas e da Terra</i>	SISTEMAS DE INFORMAÇÃO	R\$976,75	183	3,63%
<i>Ciências Exatas e da Terra</i>	CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO	R\$865,03	93	1,84%
<i>Engenharias</i>	ENGENHARIA DE TRANSPORTES E LOGÍSTICA	R\$860,19	28	0,56%
<i>Engenharias</i>	ENGENHARIA DE PRODUÇÃO CIVIL	R\$826,08	61	1,21%
<i>Engenharias</i>	ENGENHARIA DE PRODUÇÃO ELÉTRICA	R\$798,53	39	0,77%
<i>Engenharias</i>	ENGENHARIA DE CONTROLE E AUTOMAÇÃO	R\$796,81	61	1,21%
<i>Engenharias</i>	ENGENHARIA QUÍMICA	R\$782,15	34	0,67%
<i>Linguística, Letras e Artes</i>	LETRAS – ITALIANO	R\$779,75	44	0,87%
<i>Engenharias</i>	ENGENHARIA DE PRODUÇÃO MECÂNICA	R\$760,89	55	1,09%
<i>Engenharias</i>	ENGENHARIA ELÉTRICA	R\$741,85	91	1,80%
<i>Ciências Sociais Aplicadas</i>	CIÊNCIAS ECONÔMICAS	R\$706,22	195	3,87%
<i>Ciências Sociais Aplicadas</i>	SERVIÇO SOCIAL	R\$676,75	67	1,3%
<i>Ciências Sociais Aplicadas</i>	DIREITO	R\$672,64	229	4,5%
<i>Ciências Sociais Aplicadas</i>	ADMINISTRAÇÃO	R\$662,99	312	6,2%
<i>Ciências Sociais Aplicadas</i>	DESIGN	R\$658,96	202	4,0%
	TOTAL (84 cursos)	R\$667,84	5.042	100%

Fonte: Elaborado pelos autores

Trabalhando ainda um paralelo às áreas do conhecimento, são encontradas apenas quatro grandes áreas: Engenharias (7), Ciências Sociais Aplicadas (5). Ciência Exatas e da Terra (2) e Linguística, Letras e Artes (1).

Da mesma forma, trouxe-se um quadro com 15 dos cursos de menor média de valores das bolsas; o quadro 4 apresenta uma parcela de 13,5% dos estágios não-obrigatórios do período analisado.

Quadro 4: Relação dos 15 cursos com menores médias das bolsas de estágio não obrigatório

ÁREA CAPES	CURSO	MÉDIA NOB	F TOTAL	FR TOTAL
<i>Ciências Humanas</i>	HISTÓRIA	R\$427,40	61	1,2%
<i>Ciências da Saúde</i>	FARMÁCIA	R\$422,53	141	2,8%
<i>Ciências Agrárias</i>	ZOOTECNIA	R\$418,75	51	1,0%
<i>Ciências Humanas</i>	CIÊNCIAS SOCIAIS	R\$413,80	60	1,2%
<i>Ciências da Saúde</i>	ENFERMAGEM	R\$412,92	66	1,3%
<i>Linguística, Letras e Artes</i>	ARTES CÊNICAS	R\$409,22	18	0,4%
<i>Ciências Humanas</i>	FILOSOFIA	R\$396,18	22	0,4%

<i>Ciências da Saúde</i>	ODONTOLOGIA	R\$386,40	20	0,4%
<i>Ciências Agrárias</i>	ENGENHARIA DE ALIMENTOS	R\$382,67	18	0,4%
<i>Ciências Biológicas</i>	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - Licenciatura	R\$378,07	94	1,9%
<i>Ciências da Saúde</i>	FONOAUDIOLOGIA	R\$376,47	43	0,9%
<i>Linguística, Letras e Artes</i>	LETRAS - LIBRAS - LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - Bacharelado	R\$364,00	16	0,3%
<i>Linguística, Letras e Artes</i>	LETRAS - LIBRAS - LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - Licenciatura	R\$364,00	24	0,5%
<i>Ciências da Saúde</i>	MEDICINA	R\$364,00	26	0,5%
<i>Ciências Agrárias</i>	MEDICINA VETERINÁRIA	R\$266,23	22	0,4%
	TOTAL (84 cursos)	R\$385,51	5.042	100%

Fonte: Elaborado pelos autores

No quadro 4, com relação às áreas do conhecimento, foram encontradas cinco: Ciências da Saúde (5), Ciências Humanas (3), Linguística, Letras e Artes (3), Ciências Agrárias (3) e Ciências Biológicas (1).

5. CONCLUSÃO

Diante da presente pesquisa, pode-se observar claramente o papel chave dos estágios, obrigatório ou não, na formação dos futuros profissionais, cabendo ao estudante (estagiário), construir o seu caminho, independentemente da área na qual se encontra, bem como do valor da bolsa recebida. O estágio é o elo de ligação do mundo acadêmico ao profissional, possibilitando que os estudantes, mesmo em fases iniciais do curso de graduação, possam adquirir experiências práticas e teóricas relacionadas a sua profissão, passando o estágio ser uma modalidade direta para o aprimoramento do intelecto do estudante.

Pode-se constatar que os cursos com maior número de estágios são aqueles que apresentam ambas as modalidades de estágio (obrigatória e não obrigatória). Nestes cursos, a diferença entre os estágios obrigatórios e não obrigatórios tende a ser proporcional; enquanto que nos cursos que não têm registro de estágio obrigatório, o número de estágios não obrigatórios é bastante reduzido. Ainda com relação ao número total de estágios, nota-se que as áreas ligadas ao humano (Ciências Sociais Aplicadas; Ciências da Saúde; Ciências Humanas) possuem altos índices de estágio.

Vale destacar que o menor número de estágios não obrigatórios em relação aos obrigatórios, não indica menor riqueza daquele sobre esse. Em verdade, não é possível determinar aqui o motivo para tal observação: a dificuldade em conseguir um estágio não obrigatório pode ser maior, em função de haver necessidade do pagamento de bolsa; os estudantes podem se envolver com outras atividades extraclasse, já que o estágio não obrigatório é uma atividade opcional; pode haver dificuldade em conseguir um bom campo de estágio para determinado curso, devida a sua especificidade; a falta de procura por estágio não-obrigatório pode ser fruto de uma cultura já instalada no curso; entre outras.

Percebe-se ainda que os cursos da área Ciências da Saúde registram grande número de estágios obrigatórios e possuem médias baixas referentes às bolsas de estágio não obrigatório. O número elevado de estágios obrigatórios dá-se pela estrutura das atividades: muitas vezes o mesmo estudante realiza dois ou até três estágios de curta duração. Enquanto que nas licenciaturas e engenharias o estudante costuma permanecer pelo menos os quatro meses referentes ao semestre letivo.

REFERÊNCIAS

APPOLINÁRIO, F. **Metodologia da Ciência**: filosofia e prática da pesquisa. 2 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

BARDAGI, Marucia Patta; HUTZ, Claudio Simon. Mercado de trabalho, desempenho acadêmico e o impacto sobre a satisfação universitária. **Revista de Ciências Humanas**, 46(1), 183-198. 2012.

BARROS, M; BATISTA-DOS-SANTOS, A. C. Por dentro da autoeficácia: um estudo sobre seus fundamentos teóricos, suas fontes e conceitos correlatos. **Revista Espaço Acadêmico**, 112 , 1-9. 2010.

BRASIL. **Lei nº 11.788**, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nos 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória no 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm>. Acesso em: 07 ago.2017.

BZUNECK, José Aloyseo. **As Crenças de Auto-Eficácia e o seu Papel na Motivação do Aluno**. In: E. Boruchovitch & J.A. Bzuneck (Org.). *A Motivação do Aluno: Contribuições da Psicologia Contemporânea*. Petrópolis: Editora Vozes; 116-133. 2001.

CAIRES, Susana; ALMEIDA, Leandro S. Os estágios na formação dos estudantes do ensino superior: tópicos para um debate em aberto. **Revista Portuguesa de Educação**, 2000, 13(2), pp. 219-241. 2000.

CAPES. **Quadro de Áreas de Conhecimento/Avaliação**. Disponível em <http://www.capes.gov.br/images/documentos/documentos_diversos_2017/QuadroAreasConhecimento_072012_atualizada_2017_v2.pdf>. Acesso em 08 ago.2017.

GAULT, Jack; REDINGTON, John; SCHLAGER, Tammy. Undergraduate Business Internships and Career Success: Are They Related? **Journal of Marketing Education**, 22(1),45-53. 2000. Disponível em <http://digitalcommons.wcupa.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1001&context=mark_facpub>. Acesso em 7 ago.2017.

LASSANCE, Maria Célia; SPARTA, Mônica. A orientação profissional e as transformações no mundo do trabalho. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. V.4, n.1-2, São Paulo, dez. 2003.

LUNA, Iúri Novaes et al. Empresas juniores como espaço de desenvolvimento de carreira na graduação: reflexões a partir de uma experiência de estágio. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**. Vol.14, n.4. Florianópolis, dez. 2014.

MELO, Simone Lopes; BORGES, Livia de Oliveira. A transição da universidade ao mercado de trabalho na ótica do jovem. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Vol. 27, n.3, pp.376-395. 2007.

NEIVA, Katia Maria Costa. Fim dos estudos universitários: efeitos das dificuldades do mercado de trabalho na representação do futuro profissional e no estabelecimento de projetos pós-universitários dos estudantes. **Psicologia**, USP. Vol. 7 (1-2), pp. 203-224. 1996.:

SILVA, Sampaio Corrêa da, Cláudia; COELHO, Paola Braga Meyer; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. Relações entre experiências de estágio e indicadores de desenvolvimento de carreira em universitários. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 14, n. 1, p. 35-46, 2013.

TEIXEIRA; Marco Antônio Pereira; GOMES, William Barbosa. Estou me formando... E agora? Reflexões e perspectivas de jovens formandos universitários. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 5(1), 47-62. 2004.

VERGARA, S. **Métodos de pesquisa em administração**. 5 ed. São Paulo: Atlas. 2012

VIEIRA, Diana Aguiar; CAIRES, Susana; COIMBRA, Joaquim Luís. Do ensino superior para o trabalho: contributo dos estágios para inserção profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. Vol.12, no.1, São Paulo, jun. 2011.

ANEXO A – Estágios realizados por curso

Tabela extraída do sistema de registro de estágio em 07/08/2017							
	CURSO	NOB	OB	TOTAL	FA NOB	FA OB	FA TOTAL
1	FISIOTERAPIA	6	998	1004	0,1%	12,3%	7,6%
2	FONOAUDIOLOGIA	43	761	804	1,0%	21,7%	13,8%
3	DIREITO	229	539	768	5,5%	28,4%	19,6%
4	FARMÁCIA	141	430	571	8,3%	33,7%	23,9%
5	PSICOLOGIA	83	388	471	10,0%	38,5%	27,5%
6	DESIGN	202	218	420	14,0%	41,1%	30,7%
7	SERVIÇO SOCIAL	67	335	402	15,3%	45,3%	33,8%
8	AGRONOMIA	127	208	335	17,8%	47,8%	36,3%
9	ENGENHARIA CIVIL	179	145	324	21,4%	49,6%	38,8%
10	ENGENHARIA DE MATERIAIS	12	305	317	21,6%	53,4%	41,2%
11	ADMINISTRAÇÃO	312	0	312	27,8%	53,4%	43,6%
12	CIÊNCIAS CONTÁBEIS	295	0	295	33,6%	53,4%	45,8%
13	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - Licenciatura	94	179	273	35,5%	55,6%	47,9%
14	PEDAGOGIA	77	194	271	37,0%	58,0%	50,0%
15	NUTRIÇÃO	33	204	237	37,7%	60,5%	51,8%
16	LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS	129	96	225	40,2%	61,7%	53,5%
17	BIBLIOTECOLOGIA	129	93	222	42,8%	62,9%	55,2%
18	EDUCAÇÃO FÍSICA - Bacharelado	48	172	220	43,8%	65,0%	56,8%
19	ARQUIVOLOGIA	87	116	203	45,5%	66,4%	58,4%
20	CIÊNCIAS ECONÔMICAS	195	0	195	49,3%	66,4%	59,9%
21	ENGENHARIA ELÉTRICA	91	99	190	51,2%	67,6%	61,3%
22	ENGENHARIA DE CONTROLE E AUTOMAÇÃO	61	128	189	52,4%	69,2%	62,7%
23	ARQUITETURA E URBANISMO	98	89	187	54,3%	70,3%	64,2%
24	SISTEMAS DE INFORMAÇÃO	183	0	183	57,9%	70,3%	65,6%
25	HISTÓRIA	61	122	183	59,1%	71,8%	67,0%
26	ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL	77	94	171	60,7%	73,0%	68,3%
27	QUÍMICA - Bacharelado	25	143	168	61,2%	74,7%	69,5%
28	ENGENHARIA MECÂNICA	59	98	157	62,3%	75,9%	70,7%
29	GEOGRAFIA	65	89	154	63,6%	77,0%	71,9%
30	JORNALISMO	153	0	153	66,7%	77,0%	73,1%
31	RELAÇÕES INTERNACIONAIS	141	0	141	69,5%	77,0%	74,1%
32	EDUCAÇÃO FÍSICA - Licenciatura	48	89	137	70,4%	78,1%	75,2%
33	TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	27	107	134	70,9%	79,5%	76,2%
34	MATEMÁTICA - Licenciatura	14	120	134	71,2%	80,9%	77,2%
35	ENGENHARIA DE AQUICULTURA	49	84	133	72,2%	82,0%	78,2%
36	FILOSOFIA	22	103	125	72,6%	83,3%	79,2%
37	LETRAS - INGLÊS	58	59	117	73,8%	84,0%	80,1%
38	MEDICINA	26	91	117	74,3%	85,1%	81,0%
39	ENGENHARIA DE PRODUÇÃO CIVIL	61	50	111	75,5%	85,7%	81,8%
40	ZOOTECNIA	51	54	105	76,5%	86,4%	82,6%
41	ENGENHARIA DE PRODUÇÃO MECÂNICA	55	44	99	77,6%	86,9%	83,4%
42	LETRAS - ESPANHOL	51	48	99	78,6%	87,5%	84,1%
43	QUÍMICA - Licenciatura	12	87	99	78,9%	88,6%	84,9%
44	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	34	61	95	79,5%	89,3%	85,6%
45	CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO	93	0	93	81,4%	89,3%	86,3%
46	ENGENHARIA QUÍMICA	34	57	91	82,1%	90,1%	87,0%
47	EDUCAÇÃO DO CAMPO - Licenciatura	8	82	90	82,2%	91,1%	87,7%
48	ENGENHARIA ELETRÔNICA	48	41	89	83,2%	91,6%	88,3%
49	FÍSICA - Licenciatura	17	71	88	83,5%	92,4%	89,0%
50	CIÊNCIAS SOCIAIS	60	27	87	84,7%	92,8%	89,7%

Tabela extraída do sistema de registro de estágio em 07/08/2017

	CURSO	NOB	OB	TOTAL	FA NOB	FA OB	FA TOTAL
51	LETRAS - FRANCÊS	55	27	82	85,8%	93,1%	90,3%
52	ENGENHARIA DE INFRAESTRUTURA	32	50	82	86,4%	93,7%	90,9%
53	LETRAS - ITALIANO	44	37	81	87,3%	94,2%	91,5%
54	ENGENHARIA NAVAL	21	59	80	87,7%	94,9%	92,1%
55	SECRETARIADO EXECUTIVO	58	20	78	88,9%	95,2%	92,7%
56	LETRAS - LIBRAS - Licenciatura	24	51	75	89,3%	95,8%	93,3%
57	CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS	29	45	74	89,9%	96,3%	93,9%
58	ENFERMAGEM	66	4	70	91,2%	96,4%	94,4%
59	ENGENHARIA DE ALIMENTOS	18	51	69	91,6%	97,0%	94,9%
60	ENGENHARIA DE PRODUÇÃO ELÉTRICA	39	28	67	92,3%	97,4%	95,4%
61	LETRAS - ALEMÃO	46	19	65	93,3%	97,6%	95,9%
62	ENGENHARIA DE TRANSPORTES E LOGÍSTICA	28	35	63	93,8%	98,0%	96,4%
63	MEDICINA VETERINÁRIA	22	32	54	94,2%	98,4%	96,8%
64	ENGENHARIA DE ENERGIA	9	44	53	94,4%	99,0%	97,2%
65	CINEMA	52	0	52	95,5%	99,0%	97,6%
66	MUSEOLOGIA	30	21	51	96,1%	99,2%	98,0%
67	ENGENHARIA AUTOMOTIVA	25	19	44	96,5%	99,5%	98,3%
68	LETRAS - LIBRAS - Bacharelado	16	21	37	96,9%	99,7%	98,6%
69	ENGENHARIA FLORESTAL	33	0	33	97,5%	99,7%	98,9%
70	ENGENHARIA DE COMPUTAÇÃO	14	8	22	97,8%	99,8%	99,0%
71	ODONTOLOGIA	20	0	20	98,2%	99,8%	99,2%
72	ARTES CÊNICAS	18	0	18	98,6%	99,8%	99,3%
73	FÍSICA - Bacharelado	13	0	13	98,8%	99,8%	99,4%
74	GEOLOGIA	11	0	11	99,0%	99,8%	99,5%
75	ANTROPOLOGIA	9	0	9	99,2%	99,8%	99,6%
76	OCEANOGRAFIA	8	0	8	99,4%	99,8%	99,7%
77	ENGENHARIA MECATRÔNICA	6	2	8	99,5%	99,9%	99,7%
78	METEOROLOGIA	0	8	8	99,5%	100,0%	99,8%
79	ENGENHARIA TÊXTIL	6	0	6	99,6%	100,0%	99,8%
80	CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	6	0	6	99,7%	100,0%	99,9%
81	BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM MOBILIDADE	5	1	6	99,8%	100,0%	99,9%
82	ENGENHARIA FERROVIÁRIA E METROVIÁRIA	1	3	4	99,8%	100,0%	99,9%
83	MATEMÁTICA - Bacharelado	3	0	3	99,9%	100,0%	100,0%
84	CIÊNCIAS RURAIS	3	0	3	100,0%	100,0%	100,0%
85	ENGENHARIA AEROSPACIAL	2	0	2	100,0%	100,0%	100,0%
	TOTAL	5.042	8.103	13.145	100,0%	100,0%	100,0%